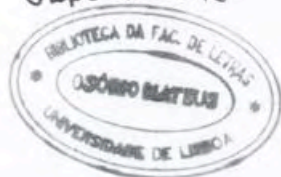


JAIME SALAZAR SAMPAIO  
TEATRO COMPLETO

II



UKFL 071 00076



# JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA



## O HOMEM DA GRAVATA DE LÃ

### PERSONAGEM

JACINTO, entre 40 e 45 anos

*Um quarto de cama, esquematicamente cenografado. Ao espelho, sentado num banco de piano, em frente do toucador, um homem (Jacinto) faz o nó da gravata, obviamente uma gravata de lã. Está em mangas de camisa e usa suspensórios largos, coloridos. Terá entre quarenta e quarenta e cinco anos mas pode aparentar um tanto mais ou um pouco menos, ao sabor da sua momentânea disposição.*

JACINTO (*contemplando ao espelho o nó que acaba de dar*) — Comprei-a em mil novecentos e oitenta e... (*Imitando uma voz desagradável, vagamente feminina.*) «Homem, para que é que tu queres uma gravata de lã em pleno Verão?», perguntou a Mãe dos Meus Filhos que gostava muito de fazer perguntas. (*Desfaz o nó. Tira a gravata e observa-a com atenção.*) ... Comprei-a?... Prefiro pensar que foi um presente da Mulher dos Meus Sonhos. (*Pausa. Subindo de tom.*) A Mulher dos Meus Sonhos, pois então! (*Pausa. Mais calmo; meio sorriso.*) À falta de um nome de baptismo, chamemos-lhe assim. (*Recomeça a fazer o nó da gravata, murmurando com convicção.*) O nó... deve ser dado com a parte mais estreita da gravata... De contrário, faz cá um chumaço!... E as pessoas voltam-se na rua a olhar para nós. (*Acaba de fazer o nó. Um tempo. Hesitante.*) Voltam-se?... (*Corrigindo.*) Voltavam-se! (*Pausa. Desfaz o nó. Olha a gravata.*) ... Pois ultimamente... minha linda... nestes últimos tempos... estive escondida naquela gaveta... (*Dirige-se para um armário, abre uma das suas gavetas e olha lá para dentro.*) ... Onde talvez tenha estado também a Mulher dos Meus Sonhos. (*Pausa. Rectificando.*) Ou o sonho... é o mais

provável... dessa mesma Mulher. (Pausa.) Mas deixemo-nos de divagações... (Num repelão, atira a gravata para dentro da gaveta. Fecha a gaveta à chave. Atira a chave para longe. Um tempo. De gatas, recupera a chave caída no chão. Olha a chave demoradamente. Com um arrepio, guarda a chave no bolso. Um tempo. Retira a chave do bolso, pensativo. Lentamente, vai até ao armário e mete a chave na fechadura da gaveta. Tenta rodar a chave mas, desta vez, a gaveta não se deixa abrir. Sacode a gaveta, puxando-a com força. A gaveta acaba por cair no chão e o seu conteúdo espalha-se pelo quarto: peças de roupa, cadernos, livros, um despertador, etc. Um tempo. Senta-se no chão e, distraidamente, começa a dar corda ao despertador. Um tempo. Encosta o despertador ao ouvido, desconfiado. Sacode-o. Volta a encostá-lo ao ouvido. Um tempo. Vai voltar a dar corda ao despertador mas logo desiste. Encolhe os ombros e larga o despertador. A eito, com raiva contida, mete na gaveta os diferentes objectos espalhados pelo chão, incluindo o despertador. Apenas a gravata fica por terra, toda amarrotada. Encaixa a gaveta no armário, com um suspiro. Um tempo. Apanha a gravata e, com ela na mão, volta a sentar-se em frente do espelho. Alisa a gravata com todo o cuidado. Poisa-a em cima do toucador. Um tempo. Liga uma máquina eléctrica de barbear e começa a fazer a barba. Um tempo. Desliga a máquina mas sem a largar.) Na realidade... (Sorrindo, interrompe-se, voltando a fazer a barba, mas só por breves instantes. Desliga a máquina. Abandona-a. Passa a mão pela cara, olhando-se ao espelho. Um tempo. Deixando de sorrir.) É curioso: não consigo pronunciar esta palavra sem um leve sorriso. (Um tempo. Rodando no banco enfrenta o público.) Na realidade... (esboça um sorriso) ... a pergunta da Mãe dos Meus Filhos tinha uma certa razão de ser... Para que é que eu quero uma gravata de lã, em pleno Agosto? (Volta a ver-se ao espelho. Um tempo. Faz uma careta. Sorri.) ... As figuras que uma pessoa não faz quando resolve sentir-se apaixonada! (Um tempo. Num repente, vai até junto da porta. Com os nós dos dedos, bate ao de leve na porta umas quantas vezes. Voltando-se para o público, como quem dá uma explicação.) Truz, truz!... Bateram à porta. (Voltando-se para a porta.) Pronto!... Já ouvi!... Estou a acabar de me arranjar... (Volta a sentar-se ao espelho, mas desta vez fica imóvel, com as mãos pousadas nos joelhos. Um tempo. A meia voz, continuando imóvel.) Com o dobrar dos anos, aprendi que o Sonho e a Realidade... (Suspende-se. Pousando as mãos no tampo do toucador, vê-se ao espelho, em silêncio. Um tempo. Com um meio sorriso.) Aprendi, é uma força de expressão... (Parece procurar qualquer coisa em cima do toucador.) O que eu quero dizer é que... em certa medida... (Suspende-se. Volta-se para o público e «recita».) «Truz, truz... Voltaram a bater à porta... E desta vez com impaciência...» (Enfrentando o espelho mas olhando a porta de soslaio.) Entre, criatura! (Vai até à porta e, com um gesto amplo, finge abri-la, sem todavia lhe tocar, ficando a porta, obviamente, tão fechada como antes. Com amabilidade, finge acompanhar até ao meio do quarto um invisível visitante.) ... E sente-se. Faça favor... (Num inesperado berro, designando a única cadeira que há no quarto.) Mas, por amor de Deus: não ponha o rabo em cima



Este segundo volume  
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio  
foi composto e impresso nas oficinas gráficas  
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*  
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se  
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000  
ED. 4200095  
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97